

Escola respeita os conflitos

Vivendo e Aprendendo, na 604 Norte, é uma associação na qual pais e professores trabalham juntos pela educação das crianças

Fernanda Lambach
de Brasília

É uma escola simples, com móveis de madeira sem requintes da tecnologia industrial. As crianças de dois a sete anos brincam à vontade, muitas descalças, correndo pelo gramado e por entre as árvores do terreno. Criada em 1981, por um grupo de pais insatisfeitos com o tipo de escola oferecida para as crianças no Distrito Federal, a proposta pedagógica e administrativa da Vivendo e Aprendendo é diferente de tudo o que existe em Brasília.

Ela é uma associação de pais e professores na qual todos os que matriculam os filhos têm direito a votos, a discutir a pedagogia e a administração. Em contrapartida, pais e mães têm o dever de acompanhar a rotina da escola de perto, participando inclusive de comissões como as de Higiene e Saúde, de Comunicação, Divulgação, e Eventos. Também fazem doações para a instituição como armários, espelhos e outros objetos.

“A escola não tem um dono. Todos são donos dela”, diz a psicóloga Lúcia Helena Pulino, que também é professora de Desenvolvimento Psicológico e Psicologia Escolar na Universidade de Brasília (UnB).

Na Vivendo e Aprendendo, as eleições para a diretoria são anuais. A Assembleia Geral é o órgão mais importante e também há o conselho fiscal e o pedagógico. “Queremos que todos estejam conscientes do que fazem. Todos sabem, por exemplo, como o dinheiro da escola será administrado”, continua Lúcia.

Nas reuniões mensais ou bimestrais, pais e professores estudam a realidade dos alunos dentro de uma perspectiva histórica. O livro que está sendo estudado agora é A História Social da Criança e da Família de Philippe Ariés.

Os relatórios sobre o que vem acontecendo com cada turma também são feitos com base em livros de vários autores pesquisados. De Piaget a Freud, de Vygotsky a Emília Ferreira, todos são respeitados e estudados.

Criatividade

Cada sala de aula recebe apenas 16 crianças, as quais são avaliadas individualmente por relatórios semelhantes ao relatório geral da turma. Eles são apresentados conforme a criatividade dos professores. Alguns escrevem textos corridos, outros fazem poesia, colam fotos ou apresentam vídeos das crianças. Em quase todas as turmas há um profes-



Fotos: Evandro Matheus

Crianças de todas as turmas da Vivendo e Aprendendo reúnem-se toda sexta-feira para atividade festiva

sor e uma professora para que a meninada tenha o referencial masculino e feminino.

“Nosso trabalho é voltado para o desenvolvimento de cada aluno, levando em conta a sua subjetividade, o desenvolvimento pessoal global, bem como a inserção no grupo”, declara Lúcia.

O ponto que mais causa polêmica com pedagogos de outras escolas é o fato dos adultos nunca imporem regras às crianças. O choro é considerado, mas não reprimido ou escondido. Também os conflitos são vistos como o motor do desenvolvimento. Esta teoria de Henri Wallon é seguida à risca.

Assim, o adulto não prevê os conflitos nem os evita. Deixa que aconteçam e depois conversa com as crianças para imprimir a regra. Os pequenos de dois anos ouvem da professora: “Não gostei!”. A frase acaba sendo uma das primeiras que aprendem a falar. À medida que vão crescendo, os professores passam a regulação moral para eles. Com o passar do tempo, os meninos aprendem a se colocar no lugar de quem agrediram e a julgar de forma pouco egocêntrica.

“Temos muitos limites aqui dentro. Só não temos autoritarismo”, garante Lúcia, quando soube que diretoras de outras escolas surpreenderam-se com o comportamento de ex-alunos da Vivendo e Aprendendo. Lá todas as regras são combinadas entre as professoras e os estudantes antes de serem aplicadas.

A transição não é fácil. Recentemente, um ex-aluno não fez o dever de casa e a professora da outra escola disse que ele teria de ficar em sala durante o recreio, cumprindo a obrigação. Ficou assustada quando ele questionou: “Mas nós não combinamos isso

antes”. Outro “problema” é o hábito dos pais de saberem tudo o que se passa com os filhos e acompanharem de perto o que é realizado nas salas de aula. “Diretoras de outras escolas estranham esta participação ativa”, diz Lúcia.

Para ela, no entanto, as crianças vão muito seguras de si para as outras escolas e sabem como reconhecer as diferenças de ambiente. Só não se adaptam muito bem com limitações físicas: escolas com pouca área verde e pouco espaço para brincar.

Culinária

Todos os dias, os 134 alunos da Vivendo e Aprendendo começam as atividades numa roda para o aquecimento do trabalho. Trazem novidades de casa, relembram o que fizeram no dia anterior e planejam as atividades que vão desenvolver. Depois partem para um trabalho de mesa, onde desenvolvem atividades de artes plásticas, de matemática, português ou realizam experiências.

Têm uma hora de parque, quando ficam livres para brincar, e lancham em sala de aula. À mesa é colocada uma cesta na qual as crianças depositam a parte do lanche que não vão comer. Assim, outro colega pode se servir à vontade. “É o local de socialização do lanche”, explica Lúcia. São evitadas comidas industrializadas como refrigerantes e biscoitos recheados. Na sala, há também duas latas para colocar o lixo orgânico e o inorgânico.

Depois do lanche, os professores propõem atividades do lado de fora da sala e, ao retornarem, as crianças fazem nova atividade de mesa. O dia na Vivendo e Aprendendo termina com uma roda de história. “Todo dia é con-

tada pelo menos uma história aqui na escola”, diz Lúcia.

As turmas estão montando também livros de culinária. As aulas são semanais e as crianças fazem de saladas de fruta até pratos mais elaborados como arroz à grega e bolos. Depois de tudo pronto, provam o experimento e muitas vezes vão para casa almoçados. “Com a culinária ensinamos ciências, química, português e matemática”, diz Lúcia. Isso tudo além de reforçar bons hábitos de alimentação. “Crianças que resistem a determinados alimentos quando estão em casa, aprendem a comê-los aqui.”

Cada sexta-feira uma turma propõe atividade para toda a escola realizar: gincanas, teatro, massagem. “É o nosso ritual, como se estivéssemos festejando a semana que passou”, explica Lúcia.

Segundo a psicóloga, a maioria das crianças que saem da Vivendo e Aprendendo vão alfabetizadas para as outras escolas. Mas a escola faz questão de respeitar o tempo de cada uma. É seguida a teoria de que a criança constrói hipóteses o tempo todo. Assim, à medida que ela vai construindo sua hipótese sobre a escrita e a leitura ela vai sendo desafiada pelos professores a passar para a hipótese seguinte até chegar à última que é a alfabética. “Respeitamos o jeito da criança escrever. Ela progride até chegar ao modo de escrita que todo mundo convencionalizou”, diz Lúcia.

Para facilitar a transição para outras escolas, estão sendo pesquisadas pela Vivendo e Aprendendo várias outras experiências que podem dar continuidade ao trabalho proposto. Entre as escolas que já foram contatadas estão a da 206 Sul, da 312 Norte, da 304 Norte, o Indi Bibia e o Projecção.